ANO 11.º — Sexta-feira, 21 de Fevereiro de 1919 — Numero 561

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

HONRA E GLORIA AO PORTO!

Não esperou, afinal, que a libertassem do jugo monarquico que a reteve, escrava, á couceirista grei, a invicta cidade do 31 de Janeiro. Altiva, como sempre, ergueu a fronte e sacudiu a algêma, inscrevendo na historia mais uma brilhante pagina esmaltada pelo seu devotado amor á Liberdade e á Republica.

Invencivel baluarte: nós te saudâmos, erguendo, em côro, a mesma exclamação que aflora aos labios de todos os patriotas:

Salvé, Porto!

A lição dos factos

Como a quéda de um grande corpo, lançado de elevada altura, esboroa em proporção ao seu peso e velocidade o ponto atingido, assim a nova monarquia, sobrecarregada com os seus crimes antigos e infamias modernas, se sepultou para sempre, cobrindo-se com as suas podridões, as suas mentiras, a sua traição.

Da triste aventura ha neste momento apenas a não menos triste recordação, cabendo agora repôr na ordem a desordem e a anarquia, que toda essa cohorte de vandalos e de ladrões estabeleceu por onde esteve e passou.

Na hora suprema do perigo a familia republicana acudiu como um só homem para defender o regimen, batendo-se com denodo e com consciencia onde foi preciso, sem receiar desvantagens nem medir desproporções numericas.

Assim, as forças republicanas compozeram-se dos soldados de todos os partidos, como as do exercito de soldados de todas as armas.

O som vibrante do mesmo clarim chamou uns e outros ao cumprimento sagrado do seu dever.

A batalha travou-se e a vitória foi toda nossa, imponente, esmagadora, decisiva, formidavel.

De entre o estrondo das granádas, do estalido sucessivo da fuzilaria, do fumo da metralha, erguemos nos nossos braços, ungidos pelas dôres dos feridos e pela agonia dos mortos, a figura esbelta da Republica, salva, triunfante da traição nefanda, preparada friamente desde 1916.

* * *

Do passado, porêm, cumpre a todos nós, sem excepção, proceder a um balanço, averiguando das razões que de longe, de *étape* em *étape*, nos trouxeram até á vergonha de 19 de Janeiro!

Acordemos em consciencia a verdade cruel das culpas de quantos não quizeram ouvir a voz potente da razão; dos que não evitaram a luta fratricida em que se degladiaram os chefes republicanos; de quantos concorreram para a desgraçada e prematura creação dos partidos; de quantos não atenderam ás reclamações, ás petições de justiça, de auxilio e de apoio, os verdadeiros republicanos; dos que levaram a indisciplina á caserna, acobertadá com as dedicações partidarias; dos que finalmente deixaram crear dentro dos seus grupos o personalismo e a idolatria, pouco se importando com a decadencia do regimen.

Este tem sido o grande perigo para a Republica, a verdadeira causa de todo o mal que a tem assoberbado.

Aqui o dissémos dezenas de vezes e tão franca e desassombradamente, que até nos apodaram de perigosos e inconvenientes!

Contudo, libertos do *virus* demagogico, alheios aos efeitos venenosos do sectarismo, desapaixonados e simplesmente republicanos, viamos a iminencia do desastre, cada vez mais proximo, com o desordenado caminho que tudo seguia ou pela mão de reconhecidos monarquicos ou de falsos republicanos, a quem foram entregues os mais altos cargos e os logares de maior confiança.

Consola-nos, porêm, registar que da lição dos factos resulta a união do povo, do genuino povo republicano, contra todos e contra tudo que não traduza e signifique exclusivamente a coesão, a conversão de forças para o unico ponto que deve ser atingido: a defesa e a dignificação do regimen.

Da lição dos factos resulta, repetimos, que a grande massa republicana entra decididamente no caminho de que ha muito estava afastada: acima de todos e de tudo a Republica.

Das palavras que se seguem e com que fechou um brilhantissimo discurso o sr. Ramada Curto, vem o convencimento de que a época dos desmandos passou e se não passou façâmos nós todos com que assim suceda.

Disse o notavel orador:

A tirania dos chefes acabou. Agora o povo republicano dará o seu aplauso e a sua confiança aos homens que realisarem honestamente os principios da verdadeira democracia, mas nunca mais permitirá qualquer tentativa de poder pessoal, venha ela de onde vier. Saimos duma tirania militar; não caiâmos numa tirania paizana. A unica tirania que admitimos é o nosso amor pela Republica. Viva a Republica!

Eis a lição dos factos.

BEJA DA SILVA

Deve ser homologada dentro em bréve a decisão do Supremo Tribunal Administrativo, reintegrando no seu logar de director do Hospital dos Expostos da Misericordia, donde foi violentamente afastado, o nosso presadissimo amigo, snr. Antonio Maria Beja da Silva, ultimamente mimoseado com mais tres longos mezes de captiveiro... para averiguações...

Oxalá se não faça esperar esse acto de inteira justiça, visto tratar-se dum funcionario a todos os respeitos digno da confiança do regimen e zeloso cumpridor dos seus deveres, como poucos.

EXPLICANDO

Alguem chama a nossa atenção para uma local inserta no orgão da Vera-Cruz, do dia 8, e que diz assim:

Tornaram ontem a fazer-se ouvir, por motivo da chegada do sr. ministro da justiça, os sinos municipais!

Quem, como eles, celebrou, com o ruido com que o fizeram, o *5 de dezembro*, não póde mais tomar parte numa festa de gala republicana.

Muito mais coerente, o pendão da cidade, que, tendo sido aí desfraldado á passagem de Sidonio Paes após aquela data, se envergonhou e não quiz tomar ontem parte na quente, sincera e brilhante recepção que Aveiro em peso fez ao dr. Couceiro da Costa.

Que quererá dizer na sua o autor destas coisas?—pergunta o aveirense que se nos dirige.

Ora o que quer dizer... Quer dizer que tendo estado *alheiado, por motivo de ordem intima, de toda a participação ou de qualquer opinião politica*, agora já começa a deitar a cabeça de fóra, tal qual como o caracol...

E ainda o sr. Afonso Costa não subiu ao Poder. Que fará, que fará...

Da America

Dizem de New-York que, na exposição que em bréve vai abrir, figurará um aeroplano chamado o *Expresso da Lua de Mel* com estofos de luxo e telefone para comunicações entre os noivos e o piloto.

Pois que sejam muito felizes os que dele se servirem e consigam ir ao céo, sem novidade...

A's horas

Os republicanos do Porto foram-se num dos dias da semana corrente á *Bastilha* em que a efemera monarquia do saque e do roubo havia transformado o *Eden-Teatro* e destruiram-na.

Reduziram-na primeiro a um montão de ruinas; depois lançaram-lhe o fogo e deixaram arder.

E' que a desaparição desse espectro, testemunha muda das barbaridades cometidas pelos *trauliteiros*, ás ordens de Solari Alegro, contra cidadãos indefêsos, impunha-se.

E se as vitimas tivessem previamente agarrado os seus algozes e os metessem dentro da fornalha, teria alguem alguma coisa que lhes dizer?...

UM PLANO

Segundo se afirma, os monarquicos haviam já traçado o seu plano para o caso da realêsa ser fixada em Portugal. Assim, entre outras coisas, tinhamos:

1.º—A revogação de toda a legislação desde 5 de Outubro de 1910 e implicitamente:

a)—A demissão imediata de todos os funcionarios republicanos;

b)—A deportação de todos os revolucionarios civis reconhecidos pelo Parlamento.

2.º—A prisão imediata dos considerados cumplices da tragedia de 1 de Fevereiro, até ao esclarecimento da verdade. (O espirito do Conde de Arnoso em scena).

3.º—A supressão imediata de toda a imprensa republicana e detenção dos seus redactores, gerentes e proprietarios.

4.º—A demissão de todos os oficiaes republicanos de terra e mar.

5.º—A instituição da pena de morte para os crimes de sedição politica.

Alguns colegas chamam a isto um *plano tragico*. Nós, porêm, não tendo palavras para o classificar, diremos apenas que em face da delicadêsa, das atenções e da generosidade com que os republicanos teem tratado os adeptos do regimen deposto, outra coisa não era de esperar de tão conspicuas creaturas...

Arre, diabo!

O "reino,, do Porto

Um golpe de vista retrospectivo

A historia do *Reino do Porto* não começa precisamente no dia 19 de Janeiro, nem mesmo com a aparição da famosa *Junta Militar do Norte*.

Não. A sua historia é muito anterior, podendo talvez ir-se buscar-lhe as causas afastadas, os motivos mais ou menos directos, á revolução do 14 de Maio.

Não analisarei esse periodo acidentado do regimen republicano. Isso levar-me-ia longe, mas consignarei sómente que foram as irregularidades e excessos desse ultimo periodo do governo democratico que tornou possivel a revolução de 5 de Dezembro, bem acolhida pela grande maioria do paiz, que sufocava sob a pressão dum governo que estava caindo na violencia, na tirania e no arbitrio, com todas as desastrosas consequencias de um Estado francamente pessoal, sugeitando a nação ao despotismo de um verdadeiro poder absoluto.

Tal situação não podia continuar.

O poder pessoal e absoluto dentro duma democracia era um contrasenso, era um absurdo.

A revolução de 5 de Dezembro fez-se, e o paiz, quasi unanime, declarou, gritou a plenos pulmões, que podia respirar, enfim.

Era a chamada— erradamente, a meu vêr—*Republica nova*. Esta distinção entre duas republicas no mesmo paiz, foi, creio, o primeiro erro de Sidonio Paes.

Era um falso principio, era um acto impolitico, creando a cisão da familia republicana, que consequencias várias vieram depois colocar em campos irredutiveis, de animadversão, quasi de odios.

O abismo aberto entre os dois grupos tornou-se intransposivel.

Porquê?

Ninguem ignora que, causas que se manifestaram logo nos primeiros tempos da Republica, desalentaram muitos dos seus melhores paladinos desde a oposição a que tudo se arriscava, sendo democrata.

A prematura divisão do partido republicano, quando ainda as nascentes instituições precisavam do amparo de todos, foi o primeiro gravissimo erro dos chefes do partido que derrubou a monarquia, erro que se repercutiu dolorosamente por toda a massa republicana e que veio deixar, nitida e clara, no espirito publico, que, acima da propria Republica, ainda vacilante, os marechaes republicanos punham a sua ansia de mando e de supremacia.

O que depois se seguiu não o esqueceram ainda aqueles que á Republica deram, em todos os momentos gráves, o melhor das suas energias, da sua tenacidade, da sua vida, do seu sangue. Na ansia quasi exclusiva de engrandecerem os seus partidos, abriu-se a porta das adesões que a breve trecho se transformava no cano de esgôto, por onde a deposta monarquia vasou na Republica toda a cáfila de comilões que, acima de convicções, de caracter e de principios, erguia, como estandarte, o célebre verso de Guerra Junqueiro:

Santa Barriga, unica santa nossa,
Santa Barriga grande, santa és,
Santa Barriga alarga, estende, engrossa
Santa Barriga e vai da bôca aos pés.

Para acomodar tal alcateia era necessario pôr de parte os velhos republicanos, aqueles que não hesitavam nos comicios, nas urnas, na imprensa, nos pamfletos, pondo muitas vezes as costelas sob os sabres da guarda municipal e o corpo escalavrado nas alfurjas da policia.

Os monarquicos compreenderam o lance e prepararam o assalto, enchendo-se os logares de confiança da Republica e todos os outros, indistintamente, de famosos *adesivos*, que a imprensa republicana fustigou duramente, na sua falta de caracter e de brio, o que aliás só teve uma consequencia aproveitavel: mostrar que esses sugeitos estampavam nas faces estanhadas as mesmas convicções que albergavam no bandulho.

Semelhante procedimento magoou fundo quantos viram os direitos adquiridos em muitos anos de lutas, preteridos pela simples troca duma promessa de adesão.

Os cargos da Republica eram negociados como se fazia na defunta monarquia; o que se pretendia eram votos, e a troco de votos, de adeptos, de *adesivos* esqueciam-se os deveres de gratidão para com os que serviram de degrau aos que subiram ás culminancias da Republica. Esqueceu-se tudo: sacrificios, sofrimentos, prejuizos, vexames; esqueceu-se reparar na qualidade dos que entravam, para só ter em vista o numero.

O descontentamento foi grande e justissimo nos arraiaes republicanos e muitissimos dos bons partidarios antigos se afastaram, desgostosos.

Os seus esforços para a mudança do regimen, a sua dedicação, todos os transes porque os fez passar a monarquia—e bem dolorosos foram alguns—revertiam, afinal— ó surprêsas tristes do Destino! ó

De·bôa fé

O sr. Tamagnini Barbosa, presidente do ministerio transacto, falando com um jornalista que o entrevistou:

....

Fiei-me, por outro lado, na palavra dos monarquicos, convencido de que a diferença de convicções não implicava diferença nos sentimentos de dignidade. Lealmente confesso que me enganei, considerando homens de honra aqueles que, afinal, não passavam de embusteiros vulgares...

Ora quem confessa não merece castigo. Para que hãode, pois, átirar-se ao sr. Tamagnini até aqueles que maiores responsabilidades teem ligadas ao estado caótico a que chegou a politica portuguêsa?

Vá, senhores, deixem-se de retaliações se é que possuem algum amor a *isto*... Mesmo porque da bôa fé de cada um a ninguem é licito duvidar.

Uma intrugisse

Alguns jornaes de Lisboa desta semana deram noticia de que se encontra naquela cidade o sr. Antonio Faustino de Andrade, tesoureiro da fazenda publica em Ilhavo, com o fim de pedir ao governo o milho necessario para abastecimento da população, visto o que ali havia ter sido roubado pelas tropas monarquicas.

Esta não lembrava ao Diabo...

E CÁ?

Comunicam de Paris que o conselho de ministros, examinando a questão da carestia da vida, resolveu entregar a um conselho de guerra todos os processos de especulação, açambarcamento, alta ilicita de preços e todas as manobras tendentes a aumentar o custo dos géneros alimenticios e objectos de primeira necessidade. Além disso será mandado para a mesa do Parlamento um projecto de lei, reforçando as penalidades contra as especulações e o açambarcamento.

E cá? Cá promulgam-se leis, mas não se cumprem. Motivo por que cada qual faz o que quer e ainda lhe cresce tempo.

TEMPORAL

Os ultimos dias teem sido desabridamente fustigados pelos rigores do inverno, que este ano se está parecendo muito com os que assinalam a sua passagem, deixando atraz um estendal de prejuizos.

As aguas, tanto da ria como do Vouga, aumentaram de volume, tendo algumas ruas da cidade baixa sido inundadas, e vendo-se os campos completamente alagados e cheios de destroços arrastados pela corrente.

O Mondego e o Douro, dizem recentes informações, cresceram tambem desproporcionalmente, saíndo fóra dos respectivos leitos.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

caprichos da sorte! ó sarcasticas ilusões! — em exclusivo beneficio dos monarquicos!...

Afastados do movimento politico do paiz, assistiam esses *réprobos* dos partidos republicanos á atrabiliaria marcha da administração em todas as suas fases, onde todos os erros se cometeram, excepto um: o da concussão, o do roubo—orgulho-me de o consignar.

Este grupo de republicanos, desinteressado e patriota, ansioso de vêr a Republica, o paiz e a sua Patria entrarem, enfim, no caminho da reabilitação, da legalidade e da justiça, deu o seu apoio moral ao novo estado de coisas.

Era a Republica que se purificava; vinha ele para a Republica, a quem nada tinha pedido, mas a quem desejava dar mais uma vez a prova da sua dedicação e do seu desinteresse.

Constituiu-se o Partido Nacional Republicano com o dr. Sidonio Paes á frente, partido que, pelo seu pequeno numero, não podia governar sem o apoio de algum dos já existentes. Pediu-o o novo partido, oferecendo uma plata-fórma de conciliação, que o democratico, primeiro que todos, repudiou *in liminé.*

O sr. Camacho, que a principio estivera de acordo com Sidonio Paes, afastou-se porque este não fez a revolução para lhe entregar o mando a ele, como papinha pronta a meter na bôca e o sr. dr. Antonio José de Almeida, com as suas eternas vacilações, seguiu no encalço dos outros dois.

Seguro da solidariedade de atitude dos tres partidos, o democratico cometeu então este erro, de despótico poder pessoal, acima de todos gráve e cujos efeitos se encontram só agora com todo o pêso das suas desastrosas consequências, que podiam ter levado á queda da Republica, se a não salvasse a inepcia dos proprios monarquicos, —o partido democratico decretou a expulsão de todos os partidarios, que, sob qualquer pretexto, pactuassem com a situação sidonista e muito especialmente dos que comparecessem a votar nas eleições que iam realisar-se!

Esta atitude de feroz intransigencia podia ter-nos perdido irremediavelmente.

Porque tal intransigencia? Porque tal ferocidade de odio? Por ter sido derrubado por uma revolução? E não tinha subido ao poder por outra revolução? Que tinha que estranhar?

Era o abandono da Republica pelos chamados partidos constitucionaes.

Era o despreso completo do regimen por aqueles mesmos que lhe deram vida, e que agora, por um simples capricho do orgulho abatido, o deixavam inteiramente ao abandono, quando deviam vigia-lo de perto, sempre álerta, sempre atentos ao menor sinal de risco, por que, o partido sidonista, era fraco para poder ampara-la sósinho.

Mais uma vez os monarquicos —mais velhacamente argutos que os republicanos — compreenderam o lance, mediram todo o alcance da situação e se apresentaram melifluamente a oferecer o seu apoio *desinteressado* e *seguro.*

Era o aperrar do bacamarte; eram os preparativos manhosos para saltar com mais segurança sobre a vitima descuidada.

Sidonio, cometeu, por sua vez, o erro de aceitar tal apoio, mas tinha afinal de aceita-lo, ou caíria miseravelmente em pouco tempo.

De quem foi a culpa?

Dos partidos republicanos, dos chefes républicanos, que por um desmedido e inqualificavel orgulho preferiram arriscar a perda da Republica a chegar a um acôrdo com o partido republicano que acabava de formar-se.

E deve frizar-se que, afinal de contas, não era este partido menos republicano do que qualquer dos outros, desde que entraram aos milhares os transfugas dos dois peores partidos da monarquia: o franquista e o progressista.

Vai este longo.

Nas colunas do *Democrata* desejo deixar bem patente o que foi a ultima farçada couceirista.

Este prologo, porêm, julgo-o indispensavel para que egualmente fique bem esclarecido como se pôde chegar á monarquia do Porto e quaes os principaes factores que para ela concorreram.

Humberto Beça

DE REGRESSO

Chegou na madrugada de segunda-feira a esta cidade, após quatro mezes de prisão pelas cadeias do Porto, o brioso capitão do exército colonial snr. Belmiro Duarte Silva, que tem sido assaz cumprimentado.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio.*

Notas mundanas

Só ha pouco tivemos ocasião de abraçar, depois do seu regresso da Africa, o nosso amigo e esclarecido clinico, dr. Diniz Severo, republicano desde os bancos da escola, a quem esteve confiada a administração do concelho durante alguns mezes após o 5 de Outubro.

Gosa de perfeita saude e por tal fórma conseguiu adaptar-se ao clima, que está prestes a deixar-nos outra vez, indo para Inhambane, onde adquiriu a maior estima e simpatia publicas.

Escusado será dizer que nos congratulâmos com as suas continuas felicidades.

— Seguiu para Lisboa o industrial de padaria sr. Benjamim Marques Diniz, que á sua casa da Oliveirinha veio passar longa temporada.

— Continua passando mal de saude o activo chefe de conservação das Obras Publicas, snr. Manuel Maria Amador, a quem desejâmos rapidas melhoras.

— De passagem para a sua terra natal, Ferradosa do Douro, é esperado nesta cidade o sr. Acacio Simões, particular amigo do director deste jornal, recentemente chegado da Africa Ocidental.

— Acha-se bastante doente, o rev. Manuel Ferreira Pinto de Sousa, prior da freguesia da Vera-Cruz, desta cidade.

— Em Nariz tem estado tambem doente a esposa do activo negociante e proprietario, sr. Manuel dos Santos Silvestre.

— Passou ontem o sexto aniversario natalicio do simpatico Humberto, filho mais velho do nosso saudoso amigo Tavares Pinto, em serviço na França.

— Acaba de ligar os seus destinos, pelo matrimonio, aos duma patricia nossa, recentemente divorciada, o sr. dr. Jaime Duarte Silva, conhecido advogado nos auditorios desta comarca.

— Tambem se consorciaram nesta cidade, o snr. Euzebio Martins, empregado superior dos correios, com a sr.ª D. Lucilia Amelia Fonseca Ruivo de Figueiredo, farmaceutica, natural de Oliveira do Bairro.

Foram testemunhas: os snrs. Virgilio Armando Duarte Silva, colega do noivo e Augusto Martins Lourenço, pae da noiva e digno empregado na Empresa das Aguas de Luzo.

Aos noivos apetecemos-lhe uma interminavel lua de mel, coroada das mais ridentes venturas.

UM LIVRO

Pelo nosso estimavel amigo, Antonio Lebre, tenente medico-veterinario, que esta semana esteve em Aveiro, foi-nos oferecido, com amavel dedicatoria, um exemplar do seu novo trabalho—*Estação Zootécnica da Ganda*—que diz respeito aos serviços que prestou em Angola durante o tempo da sua permanencia na uberrima provincia, e que sabemos ter sido devidamente apreciado nas instancias superiores.

Traz interessantes gravuras reproduzidas das provas fotograficas tiradas pelo seu autor, o que ainda mais, se é possivel, valorisa o livro, tornando-o digno de figurar entre os melhores trabalhos scientificos da sua categoria, e, com especialidade, entre os classificados, no numero dos quaes sabemos encontrarem-se obras do mesmo autor.

A Antonio Lebre muitos parabens. e, como reconhecimento da sua lembrança, um afetuoso abraço.

Será verdade?

Segundo consta, o capitão de fragata sr. Leote do Rego, dirigiu uma carta ao Directorio do Partido Democratico, declarando desligar-se desta agremiação politica, visto desejar recobrar toda a sua liberdade de acção tambem politica.

E se fizessem o mesmo aqueles que mais se teem salientado em empanar a vida da Republica, não seria uma coisa bôa, digna de aplauso?

OUTRA?

Anda no noticiario de alguns jornaes da localidade a nova de que uma comissão de senhoras está angariando, entre o elemento feminino, donativos com o fim de mandar bordar uma bandeira para ser oportunamente oferecida ao regimento de infanteria 24.

Por mais que tenhamos cogitado não vemos vantagem alguma em o referido regimento possuir duas bandeiras. Contudo, as senhoras que tomaram essa deliberação é porque o seu intelecto alberga grandes ideias incapazes de serem atingidas pela nossa reconhecida obtusidade.

Excursões

Diz a imprensa portuense que se realisará dentro de 15 dias uma excursão do povo republicano da invicta cidade, a qual virá a Aveiro, onde se demorará um dia, seguindo depois para Lisboa, *afim de saudar os correligionarios destas duas cidades.*

O dia será fixado oportunamente.

* * *

Tambem em Coimbra se acha aberta uma inscrição para a vinda, em comboio especial, dos muitos cidadãos que, no proximo mez de março, se propõem visitar de novo Aveiro, por iniciativa da *Tabacaria Patria*, cujo proprietario, snr. José Gomes Fernandes, trata egualmente da publicação de um numero unico intitulado *Coimbra-Aveiro.*

NECROLOGIA

Por falecimento de sua veneranda mãe, a snr.ª D. Adelaide Brandão, viuva do extinto funcionario do governo civil de Aveiro, snr. José Maria Pereira do Couto Brandão, está de luto o nosso conterraneo, sr. dr. Antonio de Sá Barreto Pereira do Couto Brandão, digno juiz de direito da comarca de Vagos, onde reside com sua familia.

* * *

Tambem faleceu nesta cidade o sr. Gabriel de Pinho das Neves Aleluia, pae dos snrs. José Maria Aleluia e João Aleluia, activo proprietario e gerente da conhecida *Fabrica de Ceramica dos Santos Martires na Fonte Nova.*

* * *

Com 92 anos faleceu nesta cidade o sr. Antonio Joaquim Cardote, capelão militar aposentado.

Apesar da sua avançada idade conservou a mais completa lucidez de espirito até ao ultimo momento.

* * *

Sucumbiu tambem após cruciante sofrimento, que ha muito o impossibilitára de trabalhar, o honrado artista fusileiro João Simão, estabelecido na Rua Eça de Queiroz.

* * *

Na semana finda, deixou de existir, o snr. Eduardo Ferreira Pinto de Sousa, residente em Verdemilho, ultimamente empregado na importante Fabrica de Porcelana da Vista Alegre.

Os nossos pêsames ás respectivas familias.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 19

A noticia da contra-revolução, no Porto, pela qual a Republica saíu triunfante, foi aqui conhecida ao caír da tarde do dia 13 e logo espalhada por toda a freguesia da Oliveirinha e logares limitrofes que a receberam com visivel contentamento, tão anciosamente esperado era o fim da luta fraticida a que estavamos assistindo. O telefone da estação das Quintans, ao qual se deve a primasia da bôa nova, deu-nos assim o melhor ensejo de conhecermos ao mesmo tempo que noutros pontos o desfecho da traiçoeira aventura couceirista, pormenorisado, a seguir, nas sucessivas edições dos jornaes, e cuja confirmação não tardou a ser saudada condignamente por aqueles que ao ideal republicano teem prestado sempre o culto das suas arreigadas convicções.

Nesta conformidade, só na residencia do distinto clinico dr. Abilio Marques foram queimadas vinte duzias de foguetes, sabendo nós que outro tanto sucedeu no Carregal, Mamodeiro e Povoa de Valado, onde os amigos de Claudio Portugal e Manuel Francisco Braz vitoriaram, por egual fórma, a Republica triunfante.

Oxalá para o futuro os politicos enveredem por caminho diferente daquele que teem trilhado, evitando novas convulsões internas assaz prejudiciaes e nada honrosas para o regimen.

—— Em avançada edade sucumbiu na quinta-feira da semana preterita, a esposa do abastado lavrador, snr. Manuel José da Silva, que teve um enterro bastante concorrido.

Era mãe do snr. José da Silva e sogra dos srs. Albino Martins Pereira e Antonio Lopes, a quem enviâmos sentimentos.

—— Depois duma *sorriba* em propriedades pertencentes á familia Tavares Lebre, envolveram-se em desordem no logar de Quintans alguns rapazes de lá naturaes e outros da Quinta do Picado, resultando da refrega varios ferimentos que foram pensados na Farmacia Ribeiro.

—— Tambem na Povoa de Valado parece ter havido de domingo para segunda-feira qualquer coisa de anormal, visto ter vindo na madrugada deste dia receber curativo á mesma farmacia, um individuo de Mamodeiro, cujo nome não conseguimos saber, o que apresentava um golpe do lado esquerdo da face feito com navalha.

Mas quando hãode acabar todas estas rixas, não nos dirão?

—— Foi nomeado regedor da freguesia de Requeixo, cargo que por diferentes vezes tem desempenhado com a honestidade que lhe é peculiar, o nosso amigo Claudio José Portugal, velho republicano de Mamodeiro.

Congratulando-nos com a escolha, resta-nos felicita-lo por ainda haver quem dele se não tivesse esquecido na devida oportunidade.

C.